

REPORTAGEM

A Faculdade Nacional de Medicina

F. DE A. Nogueira.

ESCREVER sobre a Faculdade de Medicina é, de certo modo, apreciar um dos aspectos mais importantes do saber científico do Brasil. Porque, em última análise, a ciência médica reflete bem o grau de cultura em que se encontra um povo, nesse vasto campo do conhecimento humano. Assim, informar ao leitor, com fidelidade, mesmo em linhas gerais, de como se preparam os nossos futuros esculápios, quais os meios de que êles dispõem para alcançar êste fim e qual a orientação que recebem de seus mestres —, é dar visão conjunta do seu índice de aproveitamento, prever suas possibilidades de realização para a sociedade que um dia será seu grande laboratório de experiências.

Estas notas de observação não permitem apreciações pormenorizadas. Fixam, aqui e ali, rapidamente, o que viram os olhos curiosos do reporter; o que êle perguntou e as respostas que obteve. Sómente uma vez sua atenção foi mais demorada: quis ver mais coisas, perguntou mais. Foi quando visitou as salas pertencentes à cadeira de Histologia e Embriologia. Aí, o rabiscador destas linhas foi traído pelo seu sentimentalismo. Relembrou seus tempos de complementariano de medicina fracassado, e, para felicidade sua, encontrou no jovem cientista Bruno Alípio Lobo, atual Chefe do Laboratório dessa disciplina, a mesma figura gentil daqueles idos de 37.

Antes, apresentamos algumas notas relativas à história desta Casa de ensino que, neste ano, compeltará seu 140.^º ano de existência. Devemos ao Dr. Ivolino de Vasconcelos, ilustre estudioso de História da Medicina, os informes que irão ser apresentados.

A FUNDAÇÃO DO ENSINO MÉDICO NO BRASIL

No dia 22 de janeiro de 1808, deixando uma Europa incendiada pelas guerras napoleônicas, e

na missão de salvaguardar o Trono de Portugal e sua imperial família e corte, os bens da Corôa e o imenso patrimônio histórico da pátria portuguesa, chegava à Bahia o Príncipe Regente D. João e sua grande frota, em cujo bojo fôra transportado tudo o que em Portugal representava conquista, progresso ou civilização.

Acompanhando a frota real, aportou também na Bahia o Dr. José Corrêa Picanço, que seria o fundador do nosso ensino médico. Este médico era natural da cidade de Goiana, em Pernambuco, onde nasceu, a 10 de novembro de 1745, e fizera os seus primeiros estudos no Recife, transferindo-se, em seguida, para a Escola de Lisboa, onde se formou em medicina. Aperfeiçou seus estudos em Paris e, de regresso a Lisboa, faz-se clínico, lente de Anatomia. Atinge a posto de Cirurgião Mór do Reino, sendo nessa qualidade que chega a Salvador. Desejoso de doar à sua pátria as bases de sua medicina científica, consegue, do Príncipe, a assinatura da Carta Régia de 18 de fevereiro dêsse ano de 1808, criando uma Escola de Anatomia e de Cirurgia, no Hospital Militar da Bahia. Estava fundada a que é hoje a Faculdade de Medicina da Bahia. Estava fundado o próprio ensino médico, no Brasil.

Deixando a Bahia, chega a frota real ao Rio, onde, por proposta de Frei Custório de Campos Oliveira, Cirurgião-Mór do Exército e da Armada, foi fundada, a 5 de novembro dêsse mesmo ano, a Escola de Anatomia e de Cirurgia do Hospital Militar do Rio de Janeiro, aquela Escola que seria a que é hoje a Faculdade Nacional de Medicina.

Estavam, dessa forma, lançadas as vigas mestras do ensino médico em nosso país, na Bahia e no Rio de Janeiro. Encarregar-se-ia o tempo de demonstrar que o havia sido em sólidas bases, e que, dêsses dois núcleos iniciais, partiriam inspi-



Professor Bruno Alípio Lobo, Chefe do Laboratório de Histologia, fazendo identificação de lâminas. À direita, o nosso redator.

ração e diretrizes para a formação da nossa medicina científica.

AS ACADEMIAS MÉDICO-CIRÚRGICAS

No dia 26 de fevereiro de 1812 foi criado o cargo de Diretor dos Estudos Médicos, sendo a 26 de dezembro desse mesmo ano nêle provido o Dr. Manuel Luiz Alvares de Carvalho, autor da Reforma das Escolas para Academias Médico-Cirúrgicas. Realmente, opera-se esta primeira transformação na organização do nosso ensino médico, o que se passa a 1.^º de abril de 1813, no Rio de Janeiro, e a 22 de dezembro de 1815, na Bahia. Aperfeiçoava-se, ao mesmo tempo, o ensino, que se amplia para 5 anos de Curso, embora ainda fôsse mínima, a exigência para o ingresso nas novas Academias. O candidato deveria *saber ler e escrever*. Os diplomas conferidos pelas Academias não davam os mesmos direitos que os concedidos em Coimbra, continuando a praxe de conceder-se licença aos práticos, que se habilitavam perante as autoridades sanitárias. E estas eram o Cirurgião-Mór do Reino, José Corrêa Picanço, Barão de Goiana, e o Físico-Mór do Reino, Manuel Vieira da Silva, futuro Barão de Alvaiazére.

O fato é que o nosso iniciante ensino médico estava seriamente ameaçado, em virtude de tantas superintendências, e sistemática era a oposição que lhe antepunham, não só Picanço como os médicos e cirurgiões português, mörmente êstes que tinham interesse em manter sua situação privilegiada. As Academias apenas podiam, dessa forma, dar carta de "aprovado em cirurgia", e, para alcançar a de "cirurgião-formado", tinha o aluno que cursar, de novo, os dois últimos anos, e obter aprovação distinta. Mas êsse novo estudo só lhe seria permitido se contasse aprovações plenas em tôdas as disciplinas do primeiro tirocínio... A hostilidade das autoridades portuguêssas impedia o funcionamento dos dois últimos anos do Curso, e, portanto, a expedição das Cartas de Cirurgião formado. Tôdas as garantias dos alunos eram, assim, burladas, e ficavam equiparados àqueles a quem apenas se exigiam quatro anos de prática em hospital.

A INDEPENDÊNCIA DO ENSINO MÉDICO NO BRASIL

Sobrevém, entretanto, a Independência, e o deputado José da Costa Aguiar foi o arauto que se

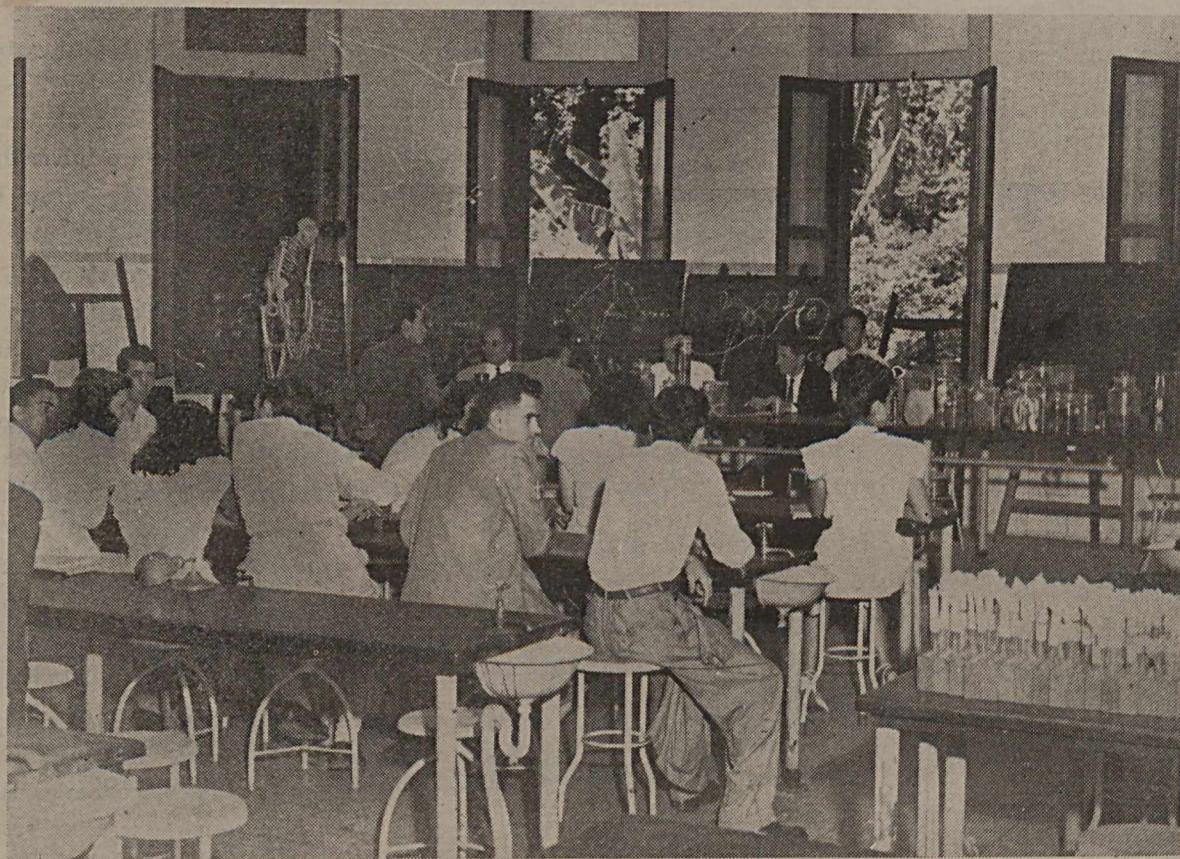
levantou no Parlamento, contra tal situação, motivando o decreto imperial de 9 de setembro de 1826, que outorgava às Academias Médico-Cirúrgicas o direito de diplomar os seus alunos. Era um esplêndido triunfo, e marcaria o início da fase de verdadeiro desenvolvimento do nosso ensino médico.

Este decreto de 9 de setembro de 1826 (que está, para o ensino médico, no Brasil, assim como o 7 de setembro de 1822 para a própria história nacional, pois que assinala o dia da sua libertação) é comemorado na magnífica tela de Manoel de Araujo Porto Alegre, existente no Salão da Congregação da Faculdade, e em que se vê o Imperador D. Pedro I entregando êsse Diploma a Vicente Navarro de Andrade, futuro Barão de Inhomirim, que era então seu Diretor e foi seu primeiro lente de patologia e higiene.

Deficiente era ainda o ensino, e tornou-se famoso o regulamento que ficou conhecido com o nome de "Bom será", porque determinava que os candidatos ao ingresso nas Academias soubessem ler e escrever, aconselhando: "Bom será que entendam as línguas francesa e inglesa".

A LEI DE 3 DE OUTUBRO

Principiam, porém, a surgir, projetos de ensino médico, entre os quais os de Lino Coutinho e de Ferreira França, propondo a sua reforma e melhor estruturação. E' quando aparece, nesta capital, um folheto, da autoria do Dr. Joaquim Cândido Soares de Meirelles, que havia, pouco antes, fundado, com vários outros médicos ilustres, a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, folheto êsse que se insurge contra a orientação que vinha sendo até então dada ao problema da reforma do ensino médico, aconselhando que deveria êle ser debatido por uma comissão de entendidos no assunto. Ouvindo sua sugestão, a Câmara dos Deputados resolveu ouvir a própria Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, e esta, por uma comissão composta pelos Drs. Joaquim Cândido Soares de Meirelles, José Martins da Cruz Jobim, José Maria Cambuci do Valle, entre vários outros, elaborou um projeto de ensino médico, que seria aprovado pela Câmara, mediante pequenas modificações, resultando a "Lei de 3 de Outubro de 1832", que elevou as Academias Médico-Cirúrgicas a Faculdades de Medicina, do Rio de Janeiro e da Bahia.



Aspecto do exame vestibular, vendo-se os examinadores, Profs. Francisco Bruno Lobo, Melo Leitão e Roberto Pessoa.

Destas origens comuns formaram-se, desta forma, as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, que se acham integradas, atualmente, respectivamente, às Universidades do Brasil e da Bahia.

A FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

Começou, portanto, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro êste novo brilhante e fecundo período de sua existência, tendo como seu primeiro Diretor o Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Barão de Iguaçu, homem notável pelo saber e pelos méritos, Conselheiro do Imperador, Médico da Imperial Câmara (onde assistiria ao nascimento de Pedro II), Oficial da Ordem da Rosa e membro de várias sociedades científicas estrangeiras, entre as quais a Academia de Medicina de Paris.

Seguiram-se, na direção da Faculdade: Manoel Valadão Pimentel, Barão de Petrópolis, (1839 a 1842), José Martins da Cruz Jobim (1842 a 1872), Luiz da Cunha Feijó, Visconde de Santa Isabel (1872 a 1881).

A 28 de abril de 1854, Luiz Pedreira do Couto Ferraz, Barão do Bom Retiro, levou à sanção imperial o decreto 1387, dando novos estatutos à Faculdade de Medicina, estatutos êstes que, segundo o depoimento de Fernando Magalhães, em sua obra "O centenário da Faculdade de Medicina", — "eram inferiores à Lei de 3 de outubro, pois, com êles, "privou-se o ensino de sua liberdade, consentida, embora não aproveitada; e a Faculdade perdeu a sua autonomia, o direito de confeccionar os seus regulamentos, de mudar a seriação das matérias, de dispor de suas taxas e emolumentos em favor da Biblioteca, de eleger o seu Diretor, enfim, sugerir ao Corpo Legislativo os créditos indispensáveis à melhoria dos laboratórios e gabinetes. Por 30 anos, a Faculdade suportaria êsse regime de subordinação, que apenas inovara o opositorado, extinguira os substitutos e arranjara cadeiras novas".

O "PERÍODO AUREO" DA FACULDADE

Finalmente, entretanto, "a lei de 1854, crivada de modificações sucessivas e deformantes, esboroa-

va-se ao fim de 25 anos, corroída pelo decreto de 1879, para finalizar em 12 de março de 1881, data do decreto n.º 8024." Adviria, a seguir, na direção da Faculdade, o Dr. Vicente Cândido Figueira de Saboia, o Visconde de Saboia (1881 a 1889), que assinalaria, na história da instituição, o que em seus anais seria registrado como o "Período Áureo". E', de fato, um fecundo período, em que se instalaram gabinetes de estudo e centros de clínica, reformam-se métodos e ampliam-se sistemas, desdobram-se laboratórios e um geral desenvolvimento didático pode observar-se, em todos os seus domínios. O decreto de 25 de outubro de 1884 apresenta os novos Estatutos da Faculdade, com uma série de úteis inovações. Referiu-se Saboia, com justificado orgulho, a este período, com estas palavras: "A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acha-se, pois, no mesmo nível das melhores da Europa, e superior mesmo a muitas delas. O que se realizou em tão pouco tempo é tanto mais digno de nota quanto a notícia da transformação por que passara esta Faculdade chegou a todos os pontos do mundo civilizado, e os estrangeiros ilustres que, atraídos por essa notícia, a visitam, ficam agradavelmente surpreendidos e exprimem-se a respeito com a mais profunda admiração". Proclamada a República, a Saboia substitui Erico Coelho. Mas ao Visconde de Saboia é a própria República quem confere o título mais alto, de Diretor Honorário da Faculdade, mercê singular e jamais de novo repetida.

Seguem-se, na direção da Faculdade, no período republicano, Erico Marinho da Gama Coelho (1889 a 1891), Albino Rodrigues de Alvarenga, Visconde de Alvarenga (1892 a 1901), Francisco de Castro (1901), Luiz da Cunha Feijó Junior (1903 a 1910), Hilário Soares de Gouvêa (1910 a 1911), Antônio Augusto de Azevedo Sodré (1911 a 1913), Cipriano de Souza Freitas (1913), Ernesto do Nascimento Silva 1914).

A DIREÇÃO ALOISIO DE CASTRO E O NOVO EDIFÍCIO

Assume, em 1915, o alto posto, Aloisio de Castro, a quem caberia, no período de sua administração, que se estenderia, em ação profícua, até 1925, inaugurar em 1918 o novo edifício da Faculdade, onde funciona ela presentemente, na Praia Vermelha. De sua gestão, diria Fernando Magalhães, no livro do "Centenário": foram dez anos laboriosos e benéficos. Construiu a Facul-

dade, o seu instituto de ciências experimentais, aspiração de quase um século; organizou serviços novos, os institutos de Rádio e de Roentgenterapia, embora modestos; manteve a publicação dos Anais; deu à Faculdade uma significação exterior, representando-a elle próprio com brilho e nela recebendo as grandes figuras da medicina mundial." E, mais adiante: "Deram-lhe a exonerado pedida, mas a Congregação prestou-lhe homenagens excepcionais, mandando que o bronze perpetuasse o seu nome e a sua tradição".

Finalmente, seguiram-se as administrações ocupadas por Juvenildo Rocha Vaz (1915 a 1926), José Antônio de Abreu Fialho (1926 a 1930), Fernando Augusto Ribeiro de Magalhães (1930 a 1931), e, por último, Raul Leitão da Cunha (1931 a 1937), Alvaro Froes da Fonseca (1938 a 1945), Ugo Pinheiro Guimarães (1945 a 1946) e o atual, Alfredo Monteiro.

O "MUSEU BARÃO DE IGUARAÇU"

Na gestão Ugo Pinheiro Guimarães, por proposta dos Drs. Ivolino de Vasconcelos e Ari Luiz de Menezes, foi fundado o primeiro Museu histórico, no Brasil, duma Faculdade de Medicina. Solenemente inaugurado a 3-10-46, possuindo interessantes documentos de valor para a história da Faculdade, o Museu Barão de Iguaraçu encontra-se num dos saguões laterais, do edifício, aliás, na melhor situação, dentro do conjunto do corpo de ensino da Faculdade. Sucede, porém, que esse local, com evidente prejuízo dos interesses do Museu, constitui entrada comum de todo o edifício, o que tem obrigado os seus organizadores a manter aí tão sómente alguns armários, com poucos documentos em exposição. E' de esperar-se que seja feita, para breve, a entrada geral da Faculdade, pela Av. Pasteur e o Museu possa ter vida normal.

DIRETOR DA FACULDADE

Dispensa apresentação o nome do Prof. Alfredo Monteiro, porquanto suas atividades públicas, desde muito, já lhe deram fama de patriota e técnico como cirurgião. Para servir a pátria, em duas guerras ofereceu seus serviços às forças brasileiras em terras da Europa. Para isso, abandonou suas atividades médicas, dedicando-se completamente à causa nacional. Nomeado diretor há pouco mais de dois anos, o prof. Monteiro

tornou-se estimado não só de seus colegas de magistério, como do corpo discente.

Assim, não estariam completas estas notas, se não tivéssemos procurado ouvir sua palavra autorizada. Apesar de suas inúmeras ocupações, conseguimos que o Prof. Alfredo Monteiro nos respondesse às perguntas que se vão seguir, cujas respostas, embora sintéticas, atingem o objetivo desejado.

— Que acha do atual ensino médico em nosso país?

— Necessita de uma completa reforma no currículo médico, na questão de post-graduação, internato e treino de formados em Medicina. Acho que o exemplo da Norte-América deve nortear essa reforma.

— Como vê a autonomia da Universidade?

— A maior conquista depois da fundação dos cursos médicos no Brasil.

— Que melhoramentos de ordem material e técnica fêz em sua gestão? Que pretende realizar este ano?

— Depois de reequipar as cadeiras, com material e pessoal técnico, trabalhar pelos Institutos de Patologia e Pesquisas.

Todos os entendidas na matéria sabem que é de primeira importância um Hospital de Clínicas para que os estudantes e mesmo médicos aperfeiçoem seus conhecimentos, pondo-se em contacto com a prática, *vendo e fazendo* muita coisa que, vez por outra, aparecerá na sua profissão. Com justas razões os nossos estudantes de Medicina têm clamado publicamente para que o governo, quanto antes, faça construir esse Hospital. Certos dessa necessidade de primeira ordem, foi que fizemos ao Prof. Monteiro esta última pergunta:

— Que diz sobre a criação do Hospital de Clínicas?

— Imprescindível, urgente. Talvez a acomodação de um Hospital, já em término de construção, preencha melhor, no ponto de vista da urgência, que esperar pela construção de um Hospital-Escola. Isso não quer dizer que dispensamos este



Outro aspecto do exame vestibular na Faculdade de Medicina, vendo-se o Prof. Adelino Pinto presidindo a banca de Química.



Vista do Restaurante da Faculdade de Medicina, criada graças ao Diretório Acadêmico.

último. São coisas diferentes: uma é imediata (prazo de 12 meses) e a outra mediata (3 a 4 anos).

Satisfeitos com a atenção do Diretor da Faculdade de Medicina, dirigimo-nos ao terceiro andar do prédio da Praia Vermelha, à procura do lente da

CADEIRA DE HISTOLOGIA E EMBRIOLOGIA

Esta disciplina funciona no último andar do edifício da Faculdade, ao lado do laboratório de



BARÃO DE IGUARACU, primeiro Diretor da Faculdade de Medicina.

Anatomia. Forçoso anotar, para sermos sinceros, o estado deplorável em que se encontra este pavimento de construção recente. Material visivelmente inferior, paredes e tectos estragados. O que é novo parece velho. Vê-se que a obra foi construída às pressas.

Conversemos, porém, com o Prof. Francisco Bruno Lobo, atual catedrático da disciplina em

aprêço. Lembremos, de passagem, o nome dos que regeram a cadeira. Por ordem, foram: Professores Antônio Teixeira da Rocha, Chapot Prevost, Dias de Barros, Bruno Lobo, Ernani Pinto, Bruno Alípio Lobo (interino) e Francisco Bruno Lobo. Este, como se costuma dizer, foi homem criado dentro do laboratório de pesquisas. Sua vida, quase toda, tem sido dedicada à especialidade que abraçou desde os primeiros anos de estudo superior. Antes de conseguir, por brilhante concurso, a cadeira que ora rege, já havia conquistado, também por concursos, as cátedras da Faculdade Nacional de Odontologia e da Escola de Medicina e Cirurgia.

Fomos encontrá-lo no seu gabinete de trabalho. Simples e atencioso, pôs-se à nossa disposição para responder o que perguntássemos. Sem perda de tempo, indagamos:

— Como encontrou a sua Cadeira ao assumí-la?

— As instalações eram precárias, e, diante disso, minha primeira preocupação foi promover a transferência do andar térreo, para o atual, de todas as dependências.

— Mas hoje está sanada a deficiência?

— Não. Infelizmente, muita coisa é necessária. Todavia, anote-se que o laboratório, antes com três salas, hoje, possui oito. Assim, existem salas especiais para técnica, microscopia, projeções, gabinetes para os assistentes, bibliotecas, etc. Falta-nos, todavia um Anfiteatro. É possível que ainda seja construído este ano.

— Podemos ver tudo isso, professor?

— Com prazer, respondeu-nos. Vamos até lá. Terá certeza do que afirmamos.

Realmente, apesar da construção feia e defeituosa, ali estava o que o Prof. Francisco Bruno Lobo nos dissera: uma sala grande com mesas adequadas para os trabalhos com microscópios. Estes, dotados de luz individual; uma sala de projeção, onde se passam os filmes relativos à matéria dada; outra de Microscopia e Hematologia; além das salas para os assistentes, todas dotadas dum pequeno laboratório, e onde são preparados os trabalhos que servirão de objeto às aulas.

Indagamos ainda: com isso melhorou o interesse dos alunos pela disciplina?

— Muitíssimo. O caráter individual que se procurou dar aos trabalhos, é bem mais agradável para o estudante. Ele sente-se mais à vontade, aprende com mais segurança e desperta o seu gôsto pela iniciativa pessoal. Auxiliado de perto pelos assistentes, o aluno vai, dessa maneira, pouco a pouco, desenvolvendo os seus conhecimentos. A prova disso é que nos exames o número de reprovados é pequeno. A maioria demonstra que aproveitou bem o que se ensinou.

Desejaríamos, dissemos, se possível, assistir a um dêstes exames.

— Perfeitamente, acrescentou o Prof. Francisco : para isso, nada mais prático do que o pôr em contacto com o Chefe do Laboratório, Professor Bruno Alípio Lobo. Além de lhe prestar outros informes sobre a cadeira, satisfará o seu desejo.

Agradecidos ao ilustre catedrático pelas informações que nos prestou, fomos ter ao Professor Bruno Alípio Lobo, nosso velho conhecido, estudioso de trinta e poucos anos de idade. Mas, a verdade é que este moço, pelo estudo diário, pesquisando e lecionando cerca de quinze anos, adquiriu cultura científica respeitável. O professor Corner, diretor do Carnegie Institution of Washington (Department of Embriology), teve ocasião de reconhecer a originalidade de suas pesquisas sobre a estrutura do ovário do tatu; outras pesquisas ele tem realizado, v. g., sobre os aspectos do diabete experimental provocado pelo aloxâno.

Sabíamos por informação, que Bruno Alípio estivera nos Estados Unidos, onde fora se aperfeiçoar nos métodos mais modernos e práticos de lecionar a disciplina da qual ele chefia o laboratório. De início, indagamos sobre os melhoramentos que havia introduzido no curso. Sua resposta foi :

— Com a preocupação de objetivar os assuntos tratados, resolvemos fazer a preparação de Caixas histológicas com 100 lâminas cada uma. Estas, por sua vez, são emprestadas aos alunos que, em casa, podem estudar à vontade, se possuem microscópio, ou no próprio laboratório que é franqueado aos que o desejam. Existem ao todo 215 Caixas. Há, para cada assunto, várias lâminas.

— Veja estas aqui, por exemplo.

Enquanto o nosso entrevistado nos mostrava aquelas inúmeras caixas, com suas lâminas bem acomodadas a fim de serem reconhecidas pelos estudantes, perguntamos quais as funções essenciais que desempenhava o laboratório. Protagonamente declarou-nos :

— Duas — ensino e pesquisa. A primeira, comprehende três partes : o ensino do curso normal, o curso de extensão universitária (facultado a qualquer médico ou interessado) e o curso de técnica histológica; a segunda, comprehende variado número de estudos, por ex., de glândulas endócrinas (ovário, pâncreas, suprarrenal), de vasos sanguíneos (capilares e glomos), da plasenta

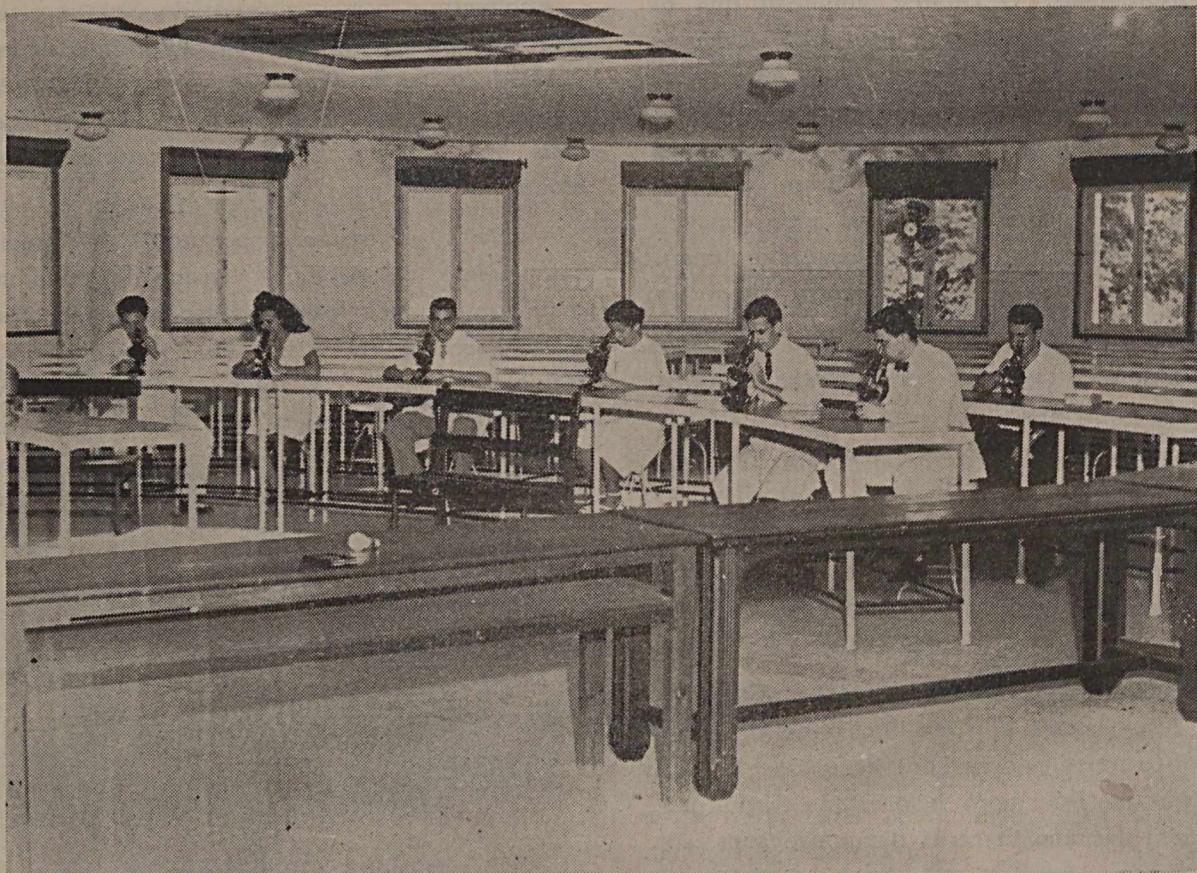


OSWALDO CRUZ, glória da medicina brasileira.

(estudos no rato e camodongo), da neuroglia, etc.

— Qual a finalidade, porém, do programa de pesquisa ?

— Diversas : adestramento do corpo técnico, o qual, sempre interessado por fatos novos, vê-se na obrigação de estudar e progredir; dar oportunidade aos estudantes que desejem desenvolver seus conhecimentos ; e, finalmente, selecionar para as lâminas que os alunos irão estudar no curso, o material de pesquisa, o qual é fonte rica para tal seleção.



Salão principal de aulas da Cadeira de Histologia, com mesas próprias para os microscópicos. À direita, no primeiro plano, o Prof. Vulcano.

— Relativamente ao curso normal, será capaz de nos dizer o número de aulas dadas no ano de 47?

— Pois não, respondeu-nos, veja aqui esta lousa onde os dados numéricos falam expressivamente.

Encontrava-se, realmente, especificado o número de aulas lecionadas nos 1.^º e 2.^º anos. Por curiosidade transcrevemo-lo.

	1. ^º ano	2. ^º ano	Total
Aulas teóricas	61	68	129
Aulas de projeção	224	282	506
Aulas de microscopia	216	276	492
Aulas de hematologia	50	50	100
Total geral de aulas			1.227

Antes de assistirmos ao exame dos alunos, ainda fizemos mais uma pergunta: — existe microscópio em abundância para estas turmas, que não devem ser pequenas?

— Para ser verdadeiro, ao todo existem apenas 48 microscópios, assim distribuídos: 2 de pesquisa, 3 para os assistentes e somente 43 para os estudantes. Esta é uma das razões por que faci-

litamos aos alunos estudarem com o auxílio dos microscópios, fora das horas normais de aulas.

O reporter ficou decepcionado com aquela afirmação do Chefe do Laboratório. Pensou logo que os estudantes, no exame que ele iria assistir dali a pouco, no máximo seriam bons decoradores. Quando chegassem à parte prática, quase nada fariam de aproveitável. Com esta impressão, eis-nos na vasta sala de exame, com muitas dezenas de alunos, silenciosos à custa da energia meia camarada de Bruno Alípio. Dois assistentes faziam parte da banca, além do chefe do Laboratório que também examinava. Primeiro, o aluno era interrogado na parte teórica. Em seguida, após uns cinco minutos mais ou menos de exame, era-lhe fornecida uma lâmina, a fim de que ele a classificasse, dando as devidas explicações, ao microscópio.

Foi surpresa o que vimos. Com exceção de uma dúzia talvez, todos estavam bastante senhores do assunto. Respondiam tudo, faziam desenhos, demonstravam junto ao microscópio, que

as aulas haviam sido aproveitadas. Mais de duas horas de exame e a nossa impressão foi a mesma: as armas poderiam ser deficientes (como na verdade o eram), mas os nossos futuros médicos mostravam claramente que haviam estudado com aproveitamento. O Prof. Francisco Bruno Lobo, possuia um excelente corpo de auxiliares imedia-
tos. Além do já citado Bruno Alípio Lobo, os assistentes J. P. Pimenta de Melo, George Doyle Maia e Ariovaldo Vulcano, eram os responsáveis pelo sucesso que presenciamos e, com prazer, aqui registramos.

LABORATÓRIO DE FÍSICA

Visitamos também o Laboratório de Física da Faculdade de Medicina. A Física aplicada à Medicina é, modernamente, cadeira indispensável à preparação daqueles que desejam adquirir conhecimentos mais sólidos dessa difícil carreira.

Graças à autonomia da Universidade foi criado o Instituto de Bio-física. Ele possui três divisões :

Físico-Química, Física-Médica e Eletro-Biologia. Projeta-se a criação da Divisão de Rádio-Biologia. Graças ao Prof. Carlos Chagas Filho, catedrático da disciplina, nestes últimos anos esta tem aumentado o âmbito de estudos. Com a obtenção de moderna aaprelhagem, tem sido possível a realização de importantes pesquisas científicas.

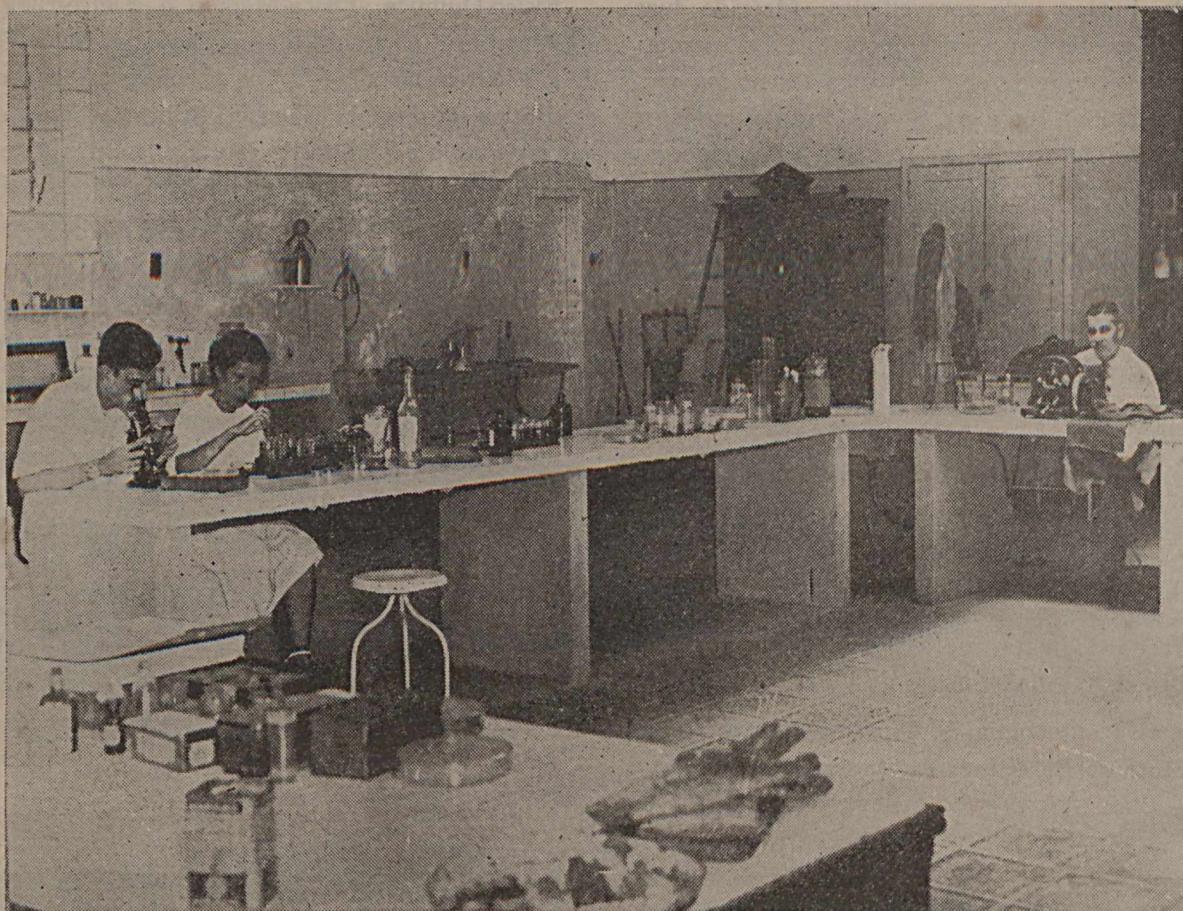
Dentre êstes aparelhos merece destaque o Electro-Forese — destinado ao estudo de proteínas. Além disso, foram criadas duas importantes seções : a de Registro de Potencial Elétrico e a de Cultura de Tecidos. No momento de nossa estada no Laboratório, em virtude de estar ausente o catedrático, regia a cadeira o Prof. Moura Gonçalves. Gentilmente deu-nos estas informações.

LABORATÓRIO DE QUÍMICA

Estivemos, também, neste importante laboratório da Faculdade de Medicina. Aqui, praticamente não existem deficiências. Vidros e mais vidros contendo as mais variadas substâncias quí-



Aula do Prof. Ivolino Vasconcelos no Museu Barão de Iguatá. Na mesa, o Dr. Ari Luiz de Menezes, zelador do Museu.



Vista parcial do Laboratório de Histologia. Ao microscópio, o Prof. Bruno Alípio Lobo.

micas, alinharam-se, bem arrumados, nas prateleiras.

Buretas, pipetas, tubos de ensaios em grande quantidade, completam este ambiente de trabalho. O laboratório, segundo nos informaram, é frequentado por grande número de estudantes e mesmo professores que ali procuram realizar as mais variadas experiências. O catedrático, Prof. Adelino Pinto, é o primeiro a ceder o material do laboratório a todos que dêle necessitem. Eis o motivo por que constantemente, alunos e professores procuram gozar dessa liberalidade tão recomendável.

BIBLIOTECA

Antes de encontrar-se no edifício da Praia Vermelha, a Biblioteca, praticamente inútil, funcionava no velho Instituto Anatômico. Hoje, mesmo que não se encontre convenientemente catalogada, tem prestado excelente auxílio aos estudantes da Faculdade. Haja vista a média diária de

emprestimos: 150 livros. Possuindo mesas, embora em número deficiente, num salão de boas proporções, sem falar em pequenas salas utilizadas para leitura de pequenos grupos, a Biblioteca contém ainda, em sala à parte, 412 periódicos de caráter médico. São revistas estrangeiras e nacionais, vindas de toda a parte, tratando dos mais variados assuntos médicos. Estando todas perfeitamente catalogadas, em mesas especiais, com excelente fichário, podem ser facilmente consultadas.

Existe na Biblioteca um aparelho que merece ser assinalado: o Recordak filme (micro filme), único na América do Sul. Trata-se de auxiliar precioso destinado a filmar trabalhos raros e muito procurados. Tem a capacidade de filmar 60 páginas por minuto. Dessa maneira, é fácil fornecer aos estudantes cópias destas obras.

Por último, assinalemos que esta Biblioteca em fase de organização para melhor servir aos seus consultentes, possui nada menos de 85.000 volu-

mes. Existem obras raras e, algumas, de valor histórico. Em número bem menor, trabalhos modernos. De passagem vimos algo curioso: a "Prática de Barbeiros", pequeno livro de 1693, editado em Coimbra, de autoria de Manuel Leytam. Medicina embrionária, cheiro ruim da Idade Média. Lá estava também a monumental "Flora Brasiliensis", de Martius; e, desde o 1º número, as raríssimas Teses de Paris. Enfim, essa nova fase de organização da Biblioteca, deve-se ao seu bibliotecário: Sr. Mário de Araújo Filho. Para completar as informações, teríamos que ouvir a voz dos alunos. Por isso, procuramos o Presidente do

DIRETÓRIO ACADÊMICO

Seu presidente é o jovem doutorando Saad Antônio Saad. Simpático e cordial, levou-nos para o seu gabinete de trabalho, a fim de que podéssemos falar com mais liberdade. Nossa primeira pergunta foi esta:

— O Diretório age com independência?

— Sem dúvida. Aliás, temos tido o apoio do Diretor da Faculdade, em tudo que temos pleiteado para beneficiar os estudantes. Para comprovar isso, basta dizer que conseguimos inaugurar a nossa sede, orçada em Cr\$ 400.000,00. Hoje, conforme pode ver, o Diretório encontra-se instalado condignamente, possuindo algumas salas para as suas diferentes atividades.

— Que atividade são estas?

— Diversas. Vamos visitá-las.

O que primeiro vimos foi o restaurante. Bem espaçoso, mesas limpas, cozinha bem asseada, pratos convenientemente guardados, tudo denotava cuidado e higiene. Poderia ser visitado pelos *comandos*. Seria, possivelmente, elogiado. Quem o dirige é um funcionário especializado do S.A. P.S. Vale acentuar que o estudante paga sólamente Cr\$ 5,00 por refeição. Em seguida, passamos à sala de assistência médica. Ali, o aluno consegue, entre outras coisas, um cartão do diretório apresentando-o a um especialista de que por ventura ele necessite. Terá gratuita esta assistência.

— Mais alguma coisa tem feito o Diretório?

— Sim. Tem procurado auxiliar os estudantes comprovadamente pobres, fornecendo-lhes moradia completa. Apesar de pequenas as ver-

bas, temos desenvolvido essa moralidade de assistência. Enfim, o Diretório mantém o seu departamento esportivo, devidamente organizado e faz editar um jornal de interesse da classe.

Era o suficiente para comprovarmos a eficiência do Diretório da Faculdade Nacional de Medicina. Seu Presidente, moço e idealista, estava realizando um bonito trabalho em prol dos estudantes. Reelegido para o cargo em aprêço, o doutorando Saad Antônio Saad podia falar em nome de seus colegas.

Vista, assim, em linhas gerais, a Faculdade de Medicina, podemos encerrar a presente reportagem, fazendo a seguinte

CONCLUSÃO

Foi desoladora a impressão que tivemos ao ver dois andares de construção recente em péssimo estado, sem elevadores, parecendo fôra tudo feito de improviso. O material insuficiente, para os inúmeros trabalhos, também é evidente. A falta do Hospital — Escola, uma verdadeira desgraça. Não se deve esquecer, todavia, que a autonomia da Universidade é recente. Foi este o maior passo a fim de que sejam supridas tais deficiências. Há muita, coisa para ser feita. Mas só com o tempo, "químico invisível", como diria Machado de Assis, poderá ser feita a transformação necessária. Por outro lado, encontramos muito trabalho e dedicação à ciência. Se as demais cadeiras são ministradas com o mesmo entusiasmo que a dos Profs. Francisco Bruno Lobo e Bruno Alípio Lobo, como acreditamos, então pode-se dizer que num futuro não muito distante, a Faculdade de Medicina será completa em todos os sentidos. Quando for atingido esse objetivo, seus mestres e alunos estarão reverenciando a memória daqueles que foram sábios e por ali passaram, deixando as luzes de seus conhecimentos. Eles foram diversos, dedicaram suas vidas à humanidade, ensinaram à juventude de seu tempo que o amor à ciência é uma das melhores formas de promover a fraternidade humana. Devem estar na consciência de todos, os nomes de Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Francisco de Castro, Miguel Couto e tantos outros que são os verdadeiros guias dos que hoje estudam Medicina. O exemplo que deixaram é um símbolo capaz de avivar o ânimo dos que ensinam e aprendem nessa Casa imortal.